

## **Conhecer, Combater e Tratar a Lepra : actores, redes, saberes, práticas e territórios**

**Luis Costa [coord.]**

Universidade de Coimbra/ DCV/FCT/CRIA - Portugal

email: [luismncosta@gmail.com](mailto:luismncosta@gmail.com)

**Laurinda Rosa Maciel**

FioCruz/Casa de Oswaldo Cruz (Brasil) - Brasil

email: [laurinda@coc.fiocruz.br](mailto:laurinda@coc.fiocruz.br)

### **Resumo**

O entendimento que se tem da doença em cada momento histórico e em cada espaço social, configura narrativas, determina práticas e modos de agir. Os saberes e as práticas nos diferentes territórios não decorreram isoladamente e desligados do que se passava noutros impérios/contextos, o que deixa antever que os diversos actores sanitários actuavam dentro de uma rede que funcionava em diferentes escalas: nacional/colonial, imperial, inter-imperial. Desde as práticas de prospecção e isolamento até o ato de instituir novas e eficazes terapêuticas visando higienizar o espaço social. Importa também considerar a voz do Outro pertencente a um contexto social/cultural próprio e onde se formam suas visões, representações e narrativas construídas em torno da doença. A lepra, quer na sua concepção, quer no seu combate, polariza profundas ressonâncias simbólicas e propõe contribuições da medicina, dinâmicas do poder colonial e disposições legais.

Em Portugal, a luta contra a lepra [doença de Hansen] desenvolveu-se no contexto metropolitano [Leprosaria Nacional Rovisco Pais, fundada em 1938] e nos diferentes contextos do espaço colonial [Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Goa e Timor principalmente]. A lepra emergiu como um dos problemas sanitários mais prementes do Império.

No Brasil, desde meados do século XVIII, o combate à doença foi realizado de forma discreta e pouco eficaz, tendo como objectivo, principalmente o amparo dos doentes através da assistência de instituições caritativas. A partir de finais do século XIX e inícios do XX, foram instituídas medidas que visavam melhor conhecer a doença para a melhor combater, de acordo com os preceitos da bacteriologia e conhecimento científicos. As acções governamentais desde então tiveram como foco o estabelecimento de medidas de controlo voltadas para o isolamento compulsivo dos doentes em leprosarias e o seu afastamento do meio social. Deste modo, as autoridades fixaram políticas públicas de saúde com o intuito de conhecer, combater e tratar a doença.

Este painel pretende atrair investigações sobre a Lepra, particularmente no espaço colonial português e brasileiro, em diferentes momentos, promovendo a análise e discussão da diversidade de respostas diante da sua existência. Assim, pretendemos,

que os diferentes contextos regionais e interpretações (históricas, antropológicas entre outras) possam promover a análise e discussão, apontando como possíveis tópicos de abordagem: o diálogo de racionalidades; os conhecimentos endógenos-medicina colonial, preocupações, políticas e práticas coloniais, discursos e narrativas, usos e interesses coloniais da lepra e seu combate, experiências de prospecção, elaboração de políticas de saúde pública, entre outros tópicos relevantes sobre esta temática.